

LER AGUSTINA BESSA-LUÍS NO SÉCULO XXI

Considerada por muitos críticos como um marco dentro da literatura portuguesa do século XX, Agustina Bessa-Luís é uma escritora de dimensões hercúleas, dona de uma obra potente e que, ainda hoje, desperta a curiosidade e a inquietação tanto em leitores já acostumados com a sua forma de expressão escrita, quanto os menos habituados aos universos sibilinos da autora. No ensaio *Introdução à literatura portuguesa* (1999), António José Saraiva resume bem o tamanho e a relevância da autora dentro do cenário das literaturas de língua portuguesa. Segundo ele,

Agustina é, depois de Fernando Pessoa, o segundo milagre do século XX português e será reconhecida quando, com a distância, se puder medir toda a sua estatura, como a contribuição mais original da prosa portuguesa para a literatura mundial, ao lado do brasileiro Guimarães Rosa (SARAIVA, 1999, p. 158).

Dona de uma obra extensa e de proporções poderosas, Agustina estreia na ficção com *Mundo Fechado* (1948) e obtém projeção com *A Sibila* (1954), quando o romance ganha o “Prêmio Delfim Guimarães” (1953) e o “Prêmio Eça de Queiroz” (1954). Com um projeto de criação literária amplo, a autora passeia entre as mais diferentes categorias genológicas: do conto à crônica, do romance ao teatro, da literatura infanto-juvenil às memórias, das biografias aos ensaios, além das adaptações cinematográficas e do seu constante diálogo com as outras artes, nomeadamente, a pintura e o cinema.

Sobre esse texto paradigmático dentro de sua trajetória (que soma mais de 90 títulos!), a própria escritora, em *Contemplação carinhosa da angústia* (2000), sublinha a relevância da obra no seu projeto de criação e afirma a sua frágil humanidade, não como defeito a ser superado, mas como qualidade irrefutável e saudável na sua convivência:

Ocorreu-me que o livro que me tornou conhecida se chama **A Sibila**. E as sibilas, diferente do que se pode pensar, não prediziam o futuro. Com mais ou menos punição convocadas nas palavras que se proferem em público, elas resolviam o caso do momento, denunciavam uma verdade capaz de agir no presente. O escritor, como os oráculos e as sibilas, não ordenam o mundo e talvez não tenham solicitude para com ele. Há hoje demasiada solicitude para com tudo e preocupações titânicas. O ser humano não pode com o futuro, e, honestamente, tem que o confessar” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 29).



Vale ainda lembrar que a sua fortuna crítica confirma tais proporções monumentais, na medida em que nessa se encontram nomes das mais variadas linhas de reflexão analítica e em diferentes momentos da historiografia literária. Desde José Palla e Carmo, João Gaspar Simões e Luiz Forjaz Trigueiros, por exemplo, até os casos paradigmáticos de Alda Maria Lentina, Álvaro Manuel Machado, Eduardo Lourenço, Eduardo Prado Coelho, Catherine Dumas, Isabel Pires de Lima, Isabel Ponce de Leão, José Manuel Heleno, Laura Fernanda Bulger, Maria Alzira Seixo, Maria do Carmo Mendes, Silvina Rodrigues Lopes, dentre outros dedicados investigadores que sobre a obra agustiniana se debruçaram.

No Brasil, os estudos agustinianos muito devem, com certeza, ao trabalho pioneiro de Simone Monteiro de Oliveira, que, durante sua longa trajetória como professora na UFRJ, formou dezenas de leitores e pesquisadores não só da própria Agustina Bessa-Luís, mas também de outros escritores portugueses. Autora da primeira dissertação de mestrado (*A Sibila: uma narrativa em ritmo de rocking-chair*, 1972) e da primeira tese de doutorado (*O estatuto do narrador na ficção de Agustina Bessa-Luís*, 1978), no Brasil (ambas orientadas pela Profa. Dra. Cleonice Berardinelli), completamente dedicadas aos textos de Agustina Bessa-Luís, Simone M. de Oliveira tornou-se citação obrigatória entre as propostas de análise e leitura dos títulos da autora de *Mundo Fechado* (1948).

Nesse sentido, é preciso frisar que homenagear a presença de Agustina Bessa-Luís, para nós, editores desse Dossier, significa também render um justo preito àqueles e àquelas que iniciaram todo esse processo de divulgação e motivação à pesquisa e à leitura da escritora portuguesa, e também reconhecer os que, ainda hoje, mantém a interrogação e a inquietação, típicas dos textos agustinianos, vivas nos jovens leitores e investigadores nos mais diferentes espaços de atuação.

No Brasil, referências relevantes, como Anamaria Filizola, Dalva Calvão, Fábio Mario da Silva, Luci Ruas, Marcia Zamboni Gobbi, Maria Lucia Dal Farra, Patrícia Cardoso, Paulo Motta Oliveira, Renata Soares Junqueira, Simone Pereira Schimidt, Tatiana Alves Soares e Viviane Vasconcelos, dentre outros, vêm se somar ao elenco de leitores atentos das obras agustinianas. Alguns deles estão presentes nesse Dossier, além de outros jovens pesquisadores que têm vindo a despontar no cenário da crítica literária, com investigações sobre o conjunto agustiniano, como Fernanda Barini Camargo, Rodrigo Valverde Denubila e Rodolfo Pereira Passos. A todos, indistintamente, agradecemos a preciosa colaboração.

Em virtude do curto espaço que um Dossier propõe, sobretudo, em relação à vultuosidade da escritora homenageada, agradecemos aos que, generosamente, puderam contribuir com suas intervenções, despertadas a partir das leituras dos títulos de Agustina Bessa-Luís. Talvez, mesmo sem saber quando escrevera, este também seja outro milagre suscitado pela autora, conforme sublinhara António José Saraiva: o de manter-se sempre atual e contemporânea, seduzindo-nos a novas indagações e outros desassossegos. Sim, é possível ler Agustina Bessa-Luís no século

XXI. Os artigos aqui presentes nesse Dossier, bem como os poemas de José Emilio-Nelson e Maria Lúcia Dal Farra e as crônicas de Mário Cláudio e Mónica Baldaque – escritores a quem também rendemos o nosso afeto em forma de gratidão – atestam essa “contemplação carinhosa da angústia”, como um dos títulos da autora aponta, que salutarmente acomete os leitores de Agustina.

Se há um sentimento que nos estimula ao homenagear Agustina Bessa-Luís nesse Dossier, certamente não será o de tristeza, em virtude de sua partida, mas o de gratidão por aquilo que nos deixou e que, ainda hoje, nos comove e nos inquieta. Exatamente como ela, certa vez, explicou: “A gratidão é o que há de menos efêmero na nossa vida. Por ela, somos provavelmente menos livres, mas também menos sós. Isto é bom.” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 196)

Bem haja.

São Carlos/Rio de Janeiro, 31 de março de 2020.

Jorge Vicente Valentim

Daniel Marinho Laks

Rafael Santana Gomes

Referências

BESSA-LUÍS, Agustina. *Contemplação carinhosa da angústia*. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

SARAIVA, António José. *Introdução à literatura portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.